

# II Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação

20 a 23 de novembro de 2018 - Naviraí - MS



## **EJA: UMA CONSTRUÇÃO DO APRENDIZADO PARA ALÉM DA SALA DE AULA**

**Lucinéa Matsui dos Santos,**

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS,  
neamatsui@hotmail.com

**Silvana Maria Dias de Oliveira,**

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS,  
Silvana.d\_oliveira@hotmail.com

**Ednei Genaro,**

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS,  
ednei.genaro@yahoo.com.br

### **RESUMO**

Este trabalho foi realizado na Disciplina de Educação de Jovens e Adultos (EJA), no sétimo semestre do curso de Pedagogia UFMS/CPNV, tendo por objetivo analisar a faixa etária dos alunos que frequentam essa modalidade de ensino e compreender como acontece o processo de alfabetização em uma escola no município de Naviraí/MS. Para fundamentar esse trabalho nos baseamos na Constituição Federal de 1988 e em pesquisadores da área, como Souza (2003), Mortatti (2011), Masson (2012) e Machado (2006). As observações e dados obtidos foram por meio de uma roda de conversa, onde os alunos da sala observada nos relataram suas experiências em salas de aula, os motivos que fizeram eles a frequentar a EJA, e quais as mudanças de vida que tiveram depois de estar frequentando a escola. Fica claro que a EJA, vem cumprindo seu papel e, nessa turma, compreendendo idades entre dezoito e cinquenta sete anos, contribuí muito para as relações interpessoais, visto que são diferentes gerações e personalidades, mas com um objetivo comum: o de aprender independente de qual seja o interesse do aluno.

**Palavras-chave:** EJA; Educação; Aprendizagem.

## 1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Este trabalho foi realizado na Disciplina de Educação de Jovens e Adultos (EJA), no sétimo semestre do curso de Pedagogia UFMS/CPNV, tendo por objetivo observar a faixa etária dos alunos que frequentam essa modalidade de ensino e, conseqüentemente, analisar como acontece o processo de alfabetização em uma escola do município de Naviraí/MS. A instituição escolhida para realização das visitas iniciou essa modalidade de ensino do EJA no ano de 2000. Das cinco aulas diárias, a quinta aula era direcionada à leitura e tabuada. No entanto com o passar dos tempos as aulas passaram a ser apenas quatro, entre às 18h10min e 22h30, devido à realidade dos alunos trabalhadores, deixando assim uma lacuna na forma que vinha sendo desenvolvido esse conteúdo que ela via como um reforço no processo de ensino aprendizagem.

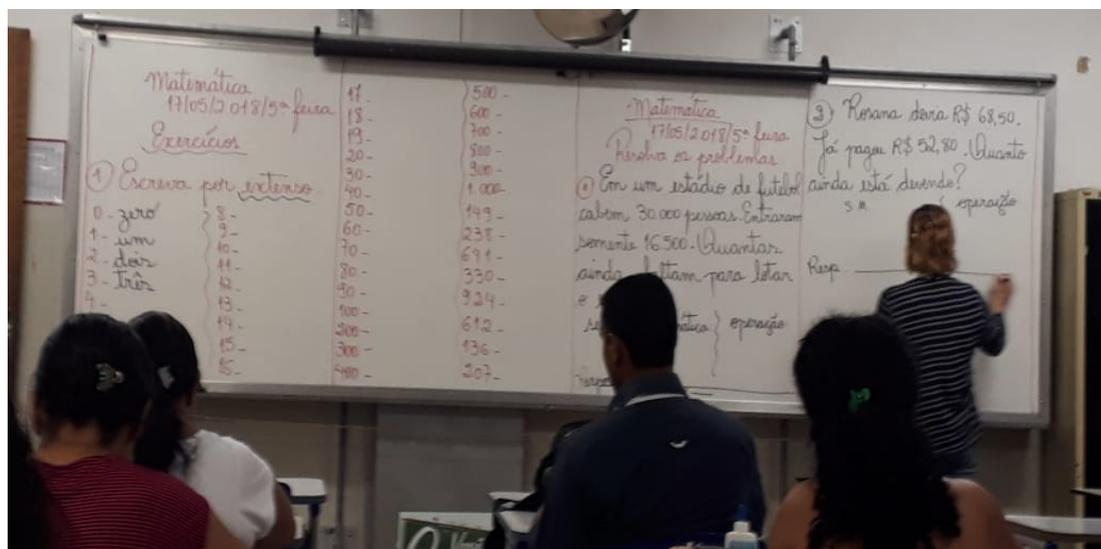
A escola segue os parâmetros e legislações específicas para esta modalidade de ensino, deste modo o artigo 208 da Constituição Federal, inciso I, determina que:

[...] o dever do Estado para com a educação será efetivado mediante a garantia de Ensino Fundamental obrigatório e gratuito, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiverem acesso na idade própria. Este mandamento constitucional é reiterado pela LDB, no inciso I do seu artigo 4º, sendo que, o24 Art. 208. (...) I – Educação Básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria (BRASIL, 1988, p. 40).

Em relação aos alunos que frequentam a sala observada, a idade varia entre 18 e 57 anos. É uma turma calma e dedicada. Os alunos são tranquilos e se concentram participando ativamente das aulas, demonstrando muito interesse em aprender, possuem bom relacionamento entre eles e com a professora. Quanto a diversidade geracional, escreve Santos (2003, p.55), “A EJA mostra que é possível aprender nas diversas idades, convivendo estas diferenças geracionais na sala de aula”. No início do bimestre a professora fez um diagnóstico para saber o nível de alfabetização da turma. Partindo do resultado desse diagnóstico, ela sentiu a necessidade de dividir a turma em dois grupos, separando entre os mais avançados e os que estão no início de alfabetização.

Sendo assim, a lousa é dividida em duas partes, a primeira para os alunos com maior dificuldade de aprendizagem e a segunda parte para aqueles que estão em um nível mais elevado.

Figura 1: Divisão da lousa



Fonte: Autor, 2018

Mesmo com essa postura, respeitando a especificidade da turma, podemos perceber que ela realiza o processo de alfabetização pelo método analítico que propicia o aprendizado “da parte para o todo”, utilizando-se da cartilha e seguindo a lição como é proposta. Outro fato observado em relação ao material didático utilizado pela professora, é o acervo pessoal com cartilhas antigas herdadas de sua mãe que também foi professora, que ela considera ter abordagem clara dos conteúdos, o que facilita a compreensão dos alunos.

Em concordância com o acima exposto, Mortatti (2011, p. 38-39) discorre sobre a cartilha que apresenta o método analítico:

[...] por se tratar de método para ensino inicial da leitura e da escrita e por ser este processo de caráter intencional, planejado, ordenado, sistemático, o instrumento por excelência para a sua concretização foram e continuam sendo as cartilhas de alfabetização: um tipo de livro didático destinado a leitura e escrita no qual se apresenta a sequência didática ideal e predeterminada (normalmente “do simples ao complexo”) para o ensino dos correspondentes conteúdo.

Mesmo utilizando as cartilhas, as aulas da professora possuíam aspectos conteudistas e, algumas vezes, tratava os alunos de forma infantilizada, aspectos problemáticos do ponto de vista pedagógico. A forma mais dinâmica apresentada durante as aulas foi no momento em que ela propôs a leitura dirigida, deixando à disposição alguns livros para que os alunos escolhessem e praticassem leitura individual e, em seguida, propôs aos que desejassem a partilha do livro escolhido, fazendo leitura para o grupo. Nesse momento era trabalhado o gênero textual e

possíveis correções de linguagem, sendo a correção ortográfica realizada na lousa ou nos cadernos. Além da leitura dirigida, a professora empreendia o projeto “Sacola Viajante”, com vários livros de diferentes literaturas, que o aluno leva para casa no final de semana, faz a leitura com a família e na segunda-feira comenta como foi e qual sua interpretação da leitura realizada.

Com essa metodologia de aprendizagem Masson (2012) reforça que podemos considerar essa modalidade como uma forma de contribuir para o aprendizado, visto que:

[...] metodologia da aprendizagem baseada em projetos teve suas origens em 1900, quando o filósofo americano John Dewey (1859 – 1952) comprovou o “aprender mediante o fazer”, valorizando, questionando e contextualizando a capacidade de pensar dos alunos numa forma gradativa de aquisição de um conhecimento relativo para resolver situações reais em projetos referentes aos conteúdos na área de estudos, que tinha como meta o desenvolvimento dos mesmos no aspecto físico, emocional e intelectual, por meio de métodos experimentais. Este sentimento se reflete também no Construtivismo e no Construcionismo. O Construtivismo explica que os indivíduos constroem o conhecimento por intermédio das interações com seu ambiente, e a construção do conhecimento de cada indivíduo é diferente. Assim, por meio da condução das investigações, conversações ou atividades, um indivíduo está aprendendo a construir um conhecimento novo tendo como base seu conhecimento atual (MARKHAM et al, 2008, p. 2).

A aprendizagem baseada em projetos (ABP) surgiu no início do século XX com Jhon Dewey e outros pensadores da chamada “Pedagogia Ativa”. A discussão na época estava embasada numa concepção de que educação é um processo de vida e não uma preparação para a vida futura e a escola deve representar a vida presente - tempo real e vital para o aluno como o que ele vive em casa, no bairro ou no pátio. O que vemos que hoje vem dando muito certo, como esse projeto da “Sacola Viajante” a nosso próprio projeto de ir em loco conhecer a realidade e a forma de ensino/aprendizagem que a educação do EJA vem sendo desenvolvida.

No último dia de observação foi realizado uma roda de conversa com os alunos onde eles relataram algumas situações que os impediram de estudar na idade certa, assim como os fatos que fizeram com que voltassem a frequentar a sala de aula. Conforme (MACHADO, 2006, p. 4):

A falta de qualificação da força de trabalho, especialmente de educação básica, constitui, de fato, um dos mais significativos gargalos econômicos cuja solução tem caráter estruturante, pois é capaz de provocar relevantes alterações na competitividade sistêmica, no nível de renda e emprego e na qualidade de vida, provocando, assim, relevantes efeitos multiplicadores.

Percebemos que dentre os relatos presenciados a educação voltada para jovens e adultos serve tanto para alfabetizar como para formar para o mercado de trabalho. Alguns alunos relataram “que o cargo que ele ocupa se faz necessário para que ele saiba ler e escrever para poder repassar aos que ele é encarregado”; outro ainda que: [...]“voltou a estudar para provar para a família que ela não é débil”, devido a uma situação que ela está vivendo com conflitos familiares: “[...] para mim é um orgulho poder ajudar minha neta fazer a tarefa escolar”, “[...] com o que eu aprendo aqui na sala de aula eu posso me desenvolver melhor o meu trabalho, compreender melhor os meus companheiros e assim viver melhor em sociedade”[...].

## **2 RESULTADOS, DESAFIOS E APRENDIZADO**

Fica claro que a EJA vem cumprindo seu papel e, nessa turma, que a idade varia entre dezoito e cinquenta sete anos, contribuí muito pelas relações interpessoais, visto que são diferentes idades, personalidades, mas com um objetivo comum, o de aprender independente de qual o interesse do aluno.

Os alunos atribuem seu desempenho em sala de aula graças à professora que se dedica a ensinar de forma clara, respeitando a especificidade de cada aluno. Muitos se referem a ela como, além de professora, “uma amiga de verdade”, criando assim um ambiente propício para o processo de ensino/aprendizagem, uma vez que, conforme Wallon (1975, p. 117 apud FERREIRA; ACIOLY-RÉGNIER, 2010, p. 5) é por meio da afetividade que esse processo acontece. Essa forma de aprendizagem faz sentido na vida do aluno e reflete na sua forma de agir em sua casa, ambiente de trabalho e na sociedade como um todo.

A realização desse trabalho na EJA foi de grande valia para nós futuras profissionais visto, que muitas vezes conhecemos a realidade desses alunos apenas nas teorias estudadas em sala de aula. Fazem-nos pensar em uma educação que apresente sentido para esse público, pois eles já chegam ali carregados de várias dificuldades pessoais e sociais a enfrentar, sendo um desafio ir em busca de uma aprendizagem tardia. Cabe a nós agirmos com responsabilidade para que possamos dizimar tal realidade.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Congresso Nacional. **Constituição Federal da República Federativa do Brasil**. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm) > Acesso em: 5 de out. 2018.

\_\_\_\_\_. **Congresso Nacional. Lei Federal nº 9.394. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm) > Acesso em: 20 de dez. de 1996.

MACHADO, Lucília Regina de Souza. **PROEJA: O significado socioeconômico e o desafio da construção de um currículo inovador**. In: MEC, SEED, TV Escola, Salto para o Futuro. (Org.). PROEJA: Formação técnica integrada ao ensino médio. Rio de Janeiro: MEC, SEED, TV Escola, Salto para o Futuro, 2006, v. 16, p. 36-53.

MASSON, Terezinha Jocelen et al. **Metodologia de ensino: aprendizagem baseada em projetos** (pbl). In: Anais do XL Congresso Brasileiro de Educação em Engenharia (COBENGE), Belém, PA, Brasil. 2012.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Função Social da Escola: aspectos históricos e metodológicos da alfabetização**. In: CHAVES, marta; SETOGUTI, Ruth Izumi; VOLSI, Maria Eunice França. (Org.). A função social da escola: das políticas públicas às práticas pedagógicas. Maringá: EDUEM, 2011, v. 1, p. 38-39.

FERREIRA, Aurino Lima; ACIOLY-RÉGNIER, Nadja Maria. **Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação**. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602010000100003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602010000100003) > Acesso em: 30 set. 2018.